

# COMEÇANDO PELO (BOM) FIM OU “MEU DNA POLÍTICO E IDEOLÓGICO”: COMO INICIAR A BIOGRAFIA DE FLÁVIO KOUTZII?

Gabriel Fleck de Abreu (gabriefleck1@gmail.com)

Orientador: Benito Bisso Schmidt

[...] Meu pai era comunista, eu sou judeu, ateu, mas a tradição judaica assim, no seu sentido cultural, foi uma coisa que [...] que me impregnou muito a juventude, a adolescência e tal [...] o meu DNA político e ideológico [...] Eu reunia os amigos da comunidade judaica progressista e o pai dizia assim: “Diz aí: viva, viva Luiz Carlos Prestes!”, e tal, e eu ia lá e: “Viva Luiz Carlos...”. [...] Então essa é a minha matriz. [...] eu já era um menino que me via como judeu comunista.”

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a apresentar a reflexão teórica e metodológica que norteou a escrita do primeiro capítulo da biografia de Flávio Koutzii, que tem como eixo a tradição cultural judaica e comunista a que Flávio se refere ou, dito de outro modo, as “origens” de Flávio Koutzii.

Algumas questões permearam a escrita do capítulo: de onde se parte para iniciar a escrita de uma vida e, mais especificamente, desta vida? Como escrever uma biografia histórica sem cair no perigo da “ilusão biográfica”? Mas como, ao mesmo tempo, *escrever* esta biografia – ou seja, contar esta trajetória, esclarecendo na medida do possível de que forma ela aconteceu?

## REFERENCIAIS TEÓRICOS

### GENEALOGIA

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1986.

A genealogia implica “marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda a finalidade monótona; espreita-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento onde eles não aconteceram”. Ou seja, as coisas não possuem um estado puro, mas se constroem da combinação em um determinado momento de elementos estranhos, que ao se combinarem transformam a coisa em acontecimento. O mesmo valeria para uma pessoa, que não possui uma essência, nem nasce “zerada”, mas surge de um contexto, de um processo, de uma posição: de uma combinação de elementos que constroem peça a peça o acontecimento que é a própria pessoa.

### ILUSÃO BIOGRÁFICA

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

“É o pressuposto de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto”. O mecanismo de dotar uma trajetória de vida de um sentido, de uma constância, de uma essência ou de uma singularidade é uma ilusão que visa à construção de uma identidade, de uma razão de ser.

### IDENTIDADE

POLLAK, Michael. “Memória e identidade”. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, 1992.

Identidade é “a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria; a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.

Flávio Koutzii

Foto disponível em: flaviokoutzii.com.br

## ESCRITA DO CAPÍTULO

Como então iniciar a biografia de Flávio Koutzii? A escolha feita foi deixar o próprio biografado dar o pontapé inicial do capítulo através do relato de sua “matriz”, de seu “DNA político e ideológico”, que seria a condição judaica e comunista, herdada, sobretudo, do pai, Jacob Koutzii. Mas o capítulo logo deixa claro que este recurso não significa determinar a essência do personagem, a sua matriz, ou referendar essa ilusão biográfica, mas sim puxar fios de sentido para entender as “camadas de memória” que moldam sua identidade.

O capítulo pretende fazer algo que parece impossível: historicizar as duas principais espirais deste DNA: a condição judaica e a condição comunista do biografado. Através desta historicização, também se conta a trajetória de Flávio: fala-se do “quadro social da memória” da infância de Flávio, do ambiente político e cultural que ele evoca, da trajetória de seu pai e do papel dele na formação do biografado, da identificação comunista de Flávio presente desde cedo, das consequências de ser judeu e das marcas deixadas por esta condição na sua infância; isto tudo não de maneira determinista, mas sim como um “repertório de experiências e ideias” que, por motivos diversos, foi elegido por Flávio ao se constituir como sujeito uno e coerente.

## CONCLUSÃO

Esta perspectiva com a qual o capítulo foi trabalhado é fruto de um diálogo com os referenciais teóricos: uma genealogia que recusa essências e estados puros, um cuidado para não se acreditar ingenuamente em uma ilusão biográfica que dota de coerência e unidade a trajetória de vida, e a atenção ao papel que essa ilusão desempenha na construção da identidade de Flávio Koutzii – da sua imagem para si e para os outros. Nesse sentido, o capítulo não procurou retratar o DNA político e ideológico de Flávio Koutzii, mas sim problematizar e refletir sobre os elementos que ele, biografado, elencou para explicar sua identidade. Enfim, ao invés de buscar a constância e o sentido de sua trajetória, procurou-se investigar como esta constância e este sentido foram construídos.